

O LIVRO, UM MEIO DIVINO

CARTA CIRCULAR DE DOM BOSCO SOBRE A 'DIFUSÃO DOS BONS LIVROS'

Dom Bosco estava profundamente convencido de que os meios de comunicação social, disponíveis em seu tempo, o teriam ajudado em sua missão de evangelizar e educar.

É certo que, em confronto com a atualidade, os instrumentos à sua disposição não eram muitos, mas ele os quis todos e os soube valorizar para a difusão do Evangelho, a formação de seus jovens, o serviço à Igreja e ao Povo de Deus. Estamos certos de que, se tivesse a possibilidade de conhecer as novas mídias, as mais avançadas tecnologias de última geração, ele as teria querido para tornar mais atual, eficaz e funcional o seu apostolado.

Estas convicções podem ser deduzidas de uma carta datada em 19 de março de 1885, em que Dom Bosco confia suas convicções e motivações sobre a importância e o valor do bom livro, para transmitir aos seus primeiros salesianos a mesma força de convicções, a mesma paixão ('Eu entendo recomendar-vos calorosamente'), que teria reservado a todas as mídias e comunicado aos salesianos do seu tempo. Qualquer instrumento, naquele caso o livro, quando utilizado para a promoção do bem e da dignidade do homem, é uma riqueza e um investimento para a humanidade e o seu futuro.

Circular de Dom Bosco sobre a 'Difusão dos bons livros'

Turim, 19 de março de 1885, festa de São José.

Caríssimos filhos em Jesus Cristo.

O Senhor sabe quanto desejo ver-vos, encontrar-me em vosso meio, falar-vos das nossas coisas, consolar-me com a confiança recíproca dos nossos corações. Infelizmente, caríssimos filhos, a fraqueza das minhas forças, os resquícios das antigas doenças, os negócios urgentes que me chamam na França (I), me impedem, ao menos por enquanto, de satisfazer os impulsos do meu afeto por vós. Não podendo portanto visitar-vos a todos pessoalmente, faço-o por carta, e tenho certeza que prezareis a recordação contínua que conservo de vós, que, como sois a minha esperança, sois também a minha glória e o meu sustento. Por isso, desejoso de ver-vos cada dia mais

crescer em zelo e em merecimentos diante de Deus, **não deixarei de vos sugerir de vez em quando os vários meios que eu penso ser os melhores para que o vosso ministério possa ter sucesso sempre mais frutuoso.**

Entre estes meios, aquele que entendo recomendar-vos calorosamente, para a glória de Deus e a salvação das almas, está a difusão dos bons livros.

Eu não hesito em chamar, este meio, de Divino, pois o próprio Deus serviu-se dele para a regeneração do homem. Foram os livros por ele inspirados que levaram ao mundo toda a reta doutrina.

Ele quis que em todas as cidades e em todas as aldeias da Palestina houvesse cópias deles e que em todos os sábados se fizesse a sua leitura nas assembléias religiosas. De início, estes livros foram patrimônio apenas do povo hebreu, mas, transferidas as tribos em cativeiro na Assíria e na Caldéia, a Santa Escritura foi traduzida em língua siro-caldaica e toda a Ásia central pode tê-la na própria linguagem. Prevalecendo o poder grego, os hebreus levaram suas colônias a todos os ângulos da terra e com elas multiplicaram-se ao infinito os Livros Santos; e os Setenta, com a sua versão, enriqueceram também as bibliotecas dos povos pagãos; de modo que os oradores, poetas, filósofos daqueles tempos beberam da Bíblia não poucas verdades. Deus, principalmente, com seus escritos inspirados, preparava o mundo para a vinda do Salvador.

Cabe-nos, agora, imitar a obra do Pai Celeste. **Os bons livros, difundidos entre o povo, são um dos meios aptos a manter o reino do Salvador em tantas almas.** Os pensamentos, os princípios, a moral de um livro católico são substância tirada dos livros e da tradição apostólica. São eles tão mais necessários enquanto a impiedade e a imoralidade de hoje se atêm a esta arma para fazer carnificina entre o rebanho de Jesus Cristo, para levar e arrastar à perdição os incautos e desobedientes. É necessário, portanto, opor arma a arma.

Acrescentai que o livro se, de um lado, não tem aquela força intrínseca da própria da palavra viva, por outro lado, apresenta vantagens ainda maiores em determinadas circunstâncias. O bom livro entra até mesmo nas casas onde o sacerdote não pode entrar, é tolerado também pelos maus como memória ou como oferenda. Apresentando-se não causa embaraço, descuidado não se inquieta, lido ensina verdades calmamente, desprezado não se queixa, deixando o remorso que, às vezes, acende o desejo de conhecer a verdade; enquanto isso, está sempre pronto a ensiná-la.

Às vezes, fica cheio de poeira sobre uma mesinha ou na biblioteca. Ninguém pensa nele. Vem, porém, o momento da solidão, ou da melancolia, ou da dor, ou do enfado, ou da necessidade de diversão, ou da ânsia pelo futuro, e este amigo fiel descarrega sua poeira, abre suas folhas e renovam-se as admiráveis conversões de S. Agostinho, do Bem-aventurado Colombino e de Santo Inácio. Cortês com os medrosos pelo respeito humano, entretém-se com eles sem criar suspeita em ninguém; familiar com

os bons está sempre pronto a raciocinar; caminha com eles em todos os instantes, em todos os lugares. Quantas almas foram salvas pelos livros bons, quantas preservadas do erro, quantas encorajadas no bem. **Quem dá um livro bom, caso não tivesse outro mérito que o de despertar um pensamento de Deus, já conquistou um merecimento incomparável diante de Deus.** Entretanto, muito mais se obtém. Um livro em família, se não é lido por aquele a quem é destinado ou dado, é lido pelo filho ou pela filha, pelo amigo ou pelo vizinho.

Um livro, numa aldeia, passa às vezes pelas mãos de cem pessoas. **Só Deus conhece o bem que um livro produz** numa cidade, numa biblioteca circulante, numa sociedade de operários, num hospital, dado como sinal de amizade. Não é necessário temer que um livro possa ser recusado por alguém, pelo fato de ser bom. Pelo contrário. Um nosso irmão, todas as vezes que, em Marseille, ia ao cais do porto, levava suas provisões de bons livros para presentear os carregadores, os operários, os marinheiros. Pois bem, esses livros foram sempre acolhidos com alegria e reconhecimento, e, às vezes, eram logo lidos com viva curiosidade”.

Feitas estas observações e omitidas muitas outras que vós mesmos já conheceis, ponho sob vossos olhares as razões pelas quais deveis estar animados em buscar com todas as forças e com todos os meios, a difusão dos bons livros, não só como Católicos, mas especialmente como Salesianos:

1. **Esta foi uma entre as principais empresas que a Divina Providência me confiou**, e vós sabeis como eu tive que me ocupar com incansável ardor, não obstante as minhas mil outras ocupações. O ódio enraivecido dos inimigos do bem, as perseguições contra a minha pessoa demonstraram como o erro visse nesses livros um adversário formidável e, pela razão contrária, uma empresa abençoada por Deus.

2. De fato, a difusão admirável desses livros é um argumento para provar a assistência especial de Deus. Em menos de trinta anos somam cerca de vinte milhões os fascículos ou volumes espalhados por nós entre o povo. Se algum livro passou despercebido, outros terão tido cada um deles, uma centena de leitores, e portanto o número daqueles aos quais os nossos livros fizeram o bem se pode crer com certeza muito maior do que os volumes publicados.

3. **A difusão dos bons livros é uma das finalidades principais da nossa Congregação. O artigo 7 do parágrafo primeiro das nossas Regras diz a respeito dos Salesianos: Aplicar-se-ão em difundir bons livros entre o povo, usando todos os meios que a caridade cristã inspira.** Com as palavras e com os escritos haverão de procurar colocar uma barreira à impiedade e à heresia que, de tantas maneiras, tenta se insinuar entre os rudes e os ignorantes. Com essa finalidade devem ser endereçadas as pregações que se fazem ao povo de tempos em tempos, os tríduos, as novenas e a difusão dos bons livros”.

4. **Por isso, entre os livros que se devem difundir, eu proponho fixar-se naqueles que têm fama de serem bons, morais e religiosos, e devem-se preferir as obras**

saídas das nossas tipografias, seja porque a vantagem material que daí virá se transforma em caridade com a manutenção de tantos nossos pobres juvenzinhos, seja porque as nossas publicações tendem a formar um sistema ordenado que abarca em vasta escala todas as classes que formam a sociedade humana. Não me detenho sobre este ponto; mas, com verdadeira complacência detenho-me sobre uma só classe, a dos juvenzinhos, à qual sempre procurei fazer o bem, não só com a palavra viva, mas com as publicações. Com as Leituras Católicas enquanto desejava instruir todo o povo, tinha em mira entrar nas casas, dar a conhecer o espírito dominante em nossos Colégios e levar os jovens à virtude, especialmente com as biografias de Sávio, de Besucco e semelhantes. Com O Jovem Instruído tive em vista levá-los à igreja, instilar neles o espírito de piedade e enamorá-los da freqüência dos Sacramentos. Com a coleção dos clássicos italianos e latinos corrigidos e com a História da Itália e com outros livros históricos ou literários quis sentar-me ao lado deles na escola e preservá-los de tantos erros e de tantas paixões, que lhes seriam fatais para o tempo e para a eternidade. Desejava, como antigamente, ser-lhes companheiros nas horas do recreio, e pensei em ordenar uma série de livros amenos que espero não tardará a vir à luz. Enfim, com o Boletim Salesiano, entre minhas muitas finalidades, tive também esta: manter vivo nos juvenzinhos que retornaram às suas famílias o amor ao espírito de S. Francisco de Sales e às suas máximas, e que eles mesmos fossem salvadores de outros juvenzinhos. **Não vos digo que eu tenha alcançado o meu ideal de perfeição; mas vos direi que cabe a vós coordená-lo de modo que seja completo em todas as suas partes.**

Peço-vos e esconjuro-vos, portanto, que não descuideis desta parte importantíssima da nossa missão. Iniciai-a não só entre os próprios juvenzinhos que a Providência vos confiou, mas com as vossas palavras e com o vosso exemplo, fazei deles outros apóstolos da difusão dos bons livros.

No início do ano, os alunos, especialmente os novos, acendem-se de entusiasmo diante da proposta das nossas associações, tanto mais vendo que se trata de corresponder com uma pequena soma. Fazei, porém, que sejam espontâneas e não impostas, de qualquer forma que seja, a adesão deles, e com exortações racionais levai os jovens a associar-se, não só em vista do bem que estes livros farão a eles, mas igualmente a respeito do bem que com eles podem fazer aos outros, enviando-os para casa à medida que são publicados, ao pai, à mãe, aos irmãos, aos benfeitores.

Os parentes pouco praticantes da religião também ficam comovidos com a lembrança de um filho, de um irmão distante, e facilmente são levados a ler o livro, senão por outro motivo, pela curiosidade. Procurem, porém, que os envios jamais tomem o aspecto de prédica ou de lição aos parentes, mas sejam sempre e somente expressão de caro dom e de afetuosa recordação. Retornando depois à casa esforcem-se por aumentar os méritos de suas boas obras, presenteando-os aos amigos, emprestando-os aos parentes, dando-os como compensação de algum serviço, cedendo-os ao pároco, pedindo que os distribua, procurando novos associados.

Convençei-vos, meus caros filhinhos, de que essas indústrias atrairão sobre vós e sobre nossos meninos as bênçãos mais eleitas do Senhor.

Termino: a conclusão desta carta, tirai-a vós mesmos procurando que os nossos jovens bebam os princípios morais e cristãos especialmente das nossas produções, evitando desprezar os livros dos outros. Devo dizer-vos, porém, que muito sofri no coração quando soube que em algumas de nossas Casas as obras impressas por nós, feitas expressamente para a juventude, tivessem sido, às vezes, desconhecidas ou tidas em nenhuma conta. Não ameis e não fazeis amar pelos outros a ciência que, no dizer do Apóstolo, infla, e recordai-vos de que S. Agostinho, depois de se tornar Bispo, embora exímio mestre de belas letras e orador eloqüente, preferia as impropriedades da língua e nenhuma elegância de estilo, ao risco de não ser entendido pelo povo.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. Rezei por mim.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

Partiu de Turim em 24 de março.

D. Bosco, Epistolário. IV.

<http://sdb.org>